

# Estudos favoráveis do Fed podem facilitar liberação de recursos

por Reginaldo Heller  
do Rio

O Brasil poderá contar com a simpatia de alguns diretores do Fundo Monetário Internacional (FMI) que têm assento no "board" da instituição e que exercerão papel decisivo na liberação das parcelas do empréstimo ampliado aprovado no início do ano. Certamente, contará com o apoio do representante norte-americano. Essa informação, de fontes de bancos brasileiros com acesso ao mercado financeiro internacional, é baseada em estudos feitos pelo Federal Reserve Board dos Estados Unidos (o Fed, banco central norte-americano), nos quais o caso brasileiro é considerado diferenciado e merecedor de atenção privilegiada, ao menos em comparação com os demais devedores da América Latina.

Segundo um desses estudos do FED, ao qual a mesma fonte teve acesso, o Brasil foi o único país da América Latina que não exportou capitais ao longo de 1982. A fuga de riqueza do Brasil foi praticamente irrisória em relação aos US\$ 9 bilhões do México, US\$ 10 bilhões da Argentina e outros tantos da Venezuela. Segundo o estudo, o controle oficial de câmbio no Brasil exerceu um papel

decisivo. As estatísticas do Fed referem-se, exclusivamente, ao ingresso de divisas da América Latina no mercado financeiro norte-americano.

Um estudo elaborado pela universidade Johns Hopkins, muito demandado nos Estados Unidos, chega a afirmar que ao longo da década de 70 o endividamento brasileiro foi direcionado a programas de investimentos, ainda que de baixo e demorado retorno, enquanto, nos demais países vizinhos, foi em grande parte aplicado em consumo su-

pérfluo. Há estudos, inclusive, que citam os casos argentino e peruano que utilizaram a dívida externa para adquirir armas e até desencadear guerras.

## OTIMISMO

Estudos realizados por departamentos técnicos de dois grandes bancos americanos, entre os cinco maiores credores do Brasil, poderiam, até, rivalizar em qualidade e quantidade de informações com as análises produzidas pelo governo e até pelo Fundo Monetário Internacional. Um desses estudos estima uma taxa de crescimento do PIB, em 1983, de 4,5% negativo e o prolongamento da recessão no próximo ano, com um crescimento negativo de 1%.

Outro, prevê uma recessão de 5% em 1983 e um crescimento positivo em 1984, de 1%. Em um caso, denuncia-se uma taxa de desemprego, atual, da ordem de 16%, ou seja, praticamente o dobro da taxa oficial. Também consideram insuficientes os recursos a serem contratados pelo Brasil nas próximas semanas, já que os atrasos nos pagamentos de juros somam mais de US\$ 3,5 bilhões, até setembro. Mas ambos mostram-se otimistas em relação ao futuro do País. Um destes bancos espera uma queda na taxa de inflação, em 1984, e a retomada do crescimento econômico até o final da década, da ordem de 6% ao ano.